

Fundado em 1891

JORNAL DO BRASIL

O primeiro jornal 100%
digital do país

Sexta-feira, 16 de setembro de 2016

Ciência e Tecnologia

Hoje às 19h32 - Atualizada hoje às 19h40

Transtorno de Pânico é tema de Simpósio na Academia Nacional de Medicina

Jornal do Brasil

Os Acadêmicos e psiquiatras Jorge Alberto Costa e Silva, Adolpho Hoirisch e Antonio Egídio Nardi convidaram diversos especialistas para tarde de discussões sobre Transtorno de Pânico, em Simpósio realizado na última quinta-feira (15/9/2016) na Academia Nacional de Medicina.

O Acadêmico Antonio Egídio Nardi fez apresentação sobre “Aspectos Históricos e Psicopatologia”, afirmando que a história da doença remonta o Egito Antigo, onde difundia-se a **crença** de que o útero feminino era um animal que vagava pelo corpo das mulheres, causando toda sorte de males, incluindo ataques de histeria. Em seguida, fez alusão ao Deus grego Pan, que, associado à obscuridade, causava terror nos homens. Por essa razão, surgiu em grego a expressão deima panikon (medo causado por Pan), que foi abreviada pela palavra grega panikós. Donald F. Klein logrou pioneirismo ao, além de conceituar o Transtorno de Pânico, propor um tratamento específico para esta patologia. Antonio Nardi expôs a diferenciação entre a chamada ansiedade adaptativa, característica evolutiva descrita por Charles Darwin associada a instintos de sobrevivência, e a chamada ansiedade patológica, associada a limitações no cotidiano do indivíduo e sofrimento físico e psíquico. Na conclusão de sua palestra, o Acadêmico abordou os avanços existentes nos estudos laboratoriais, que incluem a utilização da tecnologia de realidade virtual, tanto para o diagnóstico quanto para o tratamento do Transtorno de Pânico.



Mesa Diretora do Simpósio: Acadêmicos Adolpho Hoirisch, Antonio Nardi, Francisco Sampaio (Presidente) e Jorge Alberto Costa e Silva

A Profa. Michelle Levitan (UFRJ) fez apresentação intitulada “Psicoterapia”. A psicóloga expôs os diversos modelos de tratamento existentes, podendo-se destacar o modelo de Barlow (1988), que busca associar tanto fatores fisiológicos quanto fatores ambientais. Estes exercem influência nos indivíduos, disparando chamados “alarmes falsos”, colocando os indivíduos em estado de hipervigilância e evitação das situações consideradas de risco. Foram

apresentadas, então, as fases do tratamento cognitivo-comportamental, que envolve o emprego de psicoeducação, treinos respiratórios e de relaxamento, monitoramento dos chamados “pensamentos automáticos”, redução gradual dos comportamentos de segurança (não entrar em aviões, sair de casa apenas quando se está acompanhado), dentre outros. Os estudos apresentados pela psicóloga apontam para a vantagem da associação da farmacoterapia com a terapia cognitiva comportamental com relação às monoterapias, principalmente pela apresentação de menores taxas de abandono do tratamento. Por fim, foram relatadas as principais inovações associadas ao tratamento do Transtorno do Pânico, dando especial destaque a programas que envolvem exercícios físicos e programas de manejo de ansiedade em escolas.

A **palestra** do Professor Rafael Freire (UFRJ), intitulada “Tratamento Farmacológico”, chamou atenção para o fato de que os transtornos de ansiedade são responsáveis por 15% das causas de incapacidade de trabalhar ou exercer outras atividades cotidianas. Foram apresentadas duas “categorias” de antidepressivos utilizadas no tratamento farmacológico: de um lado, os antidepressivos inibidores da recombinação da Serotonina (ISRS) e antidepressivos inibidores da recombinação de Serotonina e Noradrenalina; e os antidepressivos tricíclicos, que possuem um alto grau de eficácia, além de serem os primeiros com eficácia comprovada por Donald Klein, em 1962. Em seguida, o Professor apresentou os diversos parâmetros e recomendações de organizações como a British Association for Psychopharmacology e a Canadian Clinical Practice. Ao final de sua apresentação, o Prof. Rafael Freire apresentou dados coletados a respeito do tratamento farmacológico a longo prazo, que apontaram para uma taxa de 67% de recaídas em 3 anos. Além disso, os dados revelam uma incidência maior do Transtorno do Pânico em mulheres e em populações menos favorecidas.

Na segunda parte do Simpósio, o Acadêmico Antonio Egídio Nardi apresentou os trabalhos do Laboratório de Pânico e Respiração da UFRJ, coordenado por ele, que é Titular de Psiquiatria na UFRJ. O Laboratório tem por **objetivo** integrar alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado, com formações acadêmicas e interesses de pesquisa diversos, com grande produção de material científico. Além de pesquisadores da UFRJ, o LABPR envolve colaboradores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Universidade de São Paulo, da Universidade Dom Bosco (Mato Grosso do Sul), da Universidade Federal do Alagoas, dentre outros. Dentre os objetivos do Laboratório, o Professor Nardi destacou a formação de novos pesquisadores e centros de pesquisa, o incentivo à pesquisa translacional e à divulgação de pesquisas realizadas no Brasil por meio de Congressos e publicações. Além deste fato, também foi abordada a criação de novas patentes, caracterizando o viés inovador do Laboratório.

A Professora Gisele Gus Manfro (UFRGS) fez apresentação sobre “Transtorno do Pânico e a **Pesquisa** no Século XXI”, salientando que a maior parte da produção científica sobre o assunto tem por objetivo investigar aspectos neurobiológicos, clínicos e as intervenções terapêuticas disponíveis aos pacientes. De acordo com a Professora Gisele Gus, o modelo médico aplicado atualmente (“top down”) categoriza as patologias de acordo com os sintomas, o que prioriza o tratamento. O modelo proposto pela Professora é “bottom up”, que visa descobrir as causas por trás das patologias, propondo um modelo de prevenção dos transtornos, não apenas seu tratamento. Dessa forma, a pesquisa do século XXI aborda desde a etiologia (estudo dos genes), passando pela identificação de fenótipos (estudos de personalidade e comportamento), caracterizando uma linha de pesquisa em retrospectiva. Ao final de sua apresentação, a Professora Gisele Gus afirmou que o principal objetivo das pesquisas desenvolvidas atualmente é entender qual é o melhor tratamento disponível para cada paciente em separado, considerando suas características biológicas e psicológicas. Esse fato caracteriza uma transição entre uma Medicina baseada em evidências (modelo atual) para uma Medicina personalizada, considerando o grave dado de que de 20 a 40% dos pacientes não respondem às intervenções padrão.

Compartilhe:

Recomendar

0

G+

0

Share

Tweet